



**ESCOLA UNIVERSITÁRIA VASCO DA GAMA**

**MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA VETERINÁRIA**

**IMPORTÂNCIA DA DESPARASITAÇÃO DOS ANIMAIS DE COMPANHIA NA  
PERCEÇÃO DOS TUTORES**

**Inês Sofia Fonseca Roque**

Coimbra, junho de 2022





**ESCOLA UNIVERSITÁRIA VASCO DA GAMA**

MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

**IMPORTÂNCIA DA DESPARASITAÇÃO DOS ANIMAIS DE COMPANHIA NA  
PERCEÇÃO DOS TUTORES**

**Coimbra, junho de 2022**

**Inês Sofia Fonseca Roque**

Aluna do Mestrado integrado em Medicina Veterinária

**Constituição do Júri**

**Presidente do Júri:** Professora Doutora Ana  
Catarina Pais dos Santos Figueira

**Arguente:** Professora Doutora Sofia Ferreira  
Anastácio

**Orientador:** Professora Doutora Sofia Alexandra  
Giestas Cancela Duarte

**Orientador Interno**

Professora Doutora Sofia Alexandra  
Giestas Cancela Duarte

**Coorientador Interno**

Professor Doutor Sérgio Eduardo  
Ramalho de Sousa

**Orientador Externo**

Doutora Rita Larcher  
Centro Veterinário do Baixo Mondego

Dissertação do Estágio Curricular do  
Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de  
Mestre em Medicina Veterinária da EUVG

## **Agradecimentos**

Quero agradecer à Dr.<sup>a</sup> Rita Larcher, por me acolher sempre bem em qualquer pedido de estágio, por me receber no Centro Veterinário do Baixo Mondego como parte da equipa e acima de tudo por me ensinar a prática da medicina veterinária em contexto de clínica de animais de companhia. Agradecer também à enfermeira Joana pelos conhecimentos transmitidos e à Mestre Inês Castel-Branco pela amizade e por me ter acompanhado ao longo do meu estágio, como *little sensei*.

Não podia deixar de agradecer à minha orientadora, Professora Dr.<sup>a</sup> Sofia Duarte, não só por me ter acompanhado ao longo do estágio curricular e execução da minha dissertação, mas também por todo o apoio e paciência ao longo do curso, por ter sido sempre uma mentora, uma boa conselheira.

Ao Professor Dr. Sérgio Sousa, por despertar a curiosidade no mundo dos parasitas, por ter aceitado fazer parte da minha dissertação; ao Professor e Mestre Ricardo Cabeças por ter sido um ótimo professor nas minhas “piores cadeiras” do primeiro ano do curso, pela paciência, carinho e pela prontidão que demonstrou em participar nesta fase final do meu percurso.

À minha *partner in crime*, Inês Marques, por nos termos tornado nesta dupla imbatível, companheira de todos os trabalhos e de estudo ao longo destes seis longos anos, juntas na risada e nos bons momentos, e sempre juntas na ansiedade pré-avaliação, nas revoltas e na tristeza ironizada, tudo o que nos fez tornar amigas para o resto da vida. Ao grupo “6 Years a Slave to Education”, das minhas queridas Fifi, Lixia, Babs, Bea e Inesa, agradecer por todos os nossos momentos e entretida porque sem vocês, teria sido muito mais difícil!

À minha Fibi, a melhor madrinha que podia ter escolhido, por ter toda a paciência para ouvir todos os meus dramas e estar sempre pronta a dar a sua opinião e transmitir os seus conhecimentos e apontamentos. Pela ajuda, honestidade e apoio, pelas fotografias de gatos partilhadas para alegrar o dia.

À Diana, por ter sido para mim uma segunda madrinha, sempre de coração aberto para me aturar.

Às minhas afilhadas, Agathe, Sara e Beatriz, estarei aqui para vos orientar e apoiar.

Acima de tudo, agradecer aos meus avós, Airinda, Amélia, Acácio e Fernando, por me terem dado a oportunidade de frequentar o curso de Medicina Veterinária na EUVG, e por terem estado comigo até ao fim, sempre a demonstrar o máximo de apoio e por serem figuras a seguir no resto da minha vida pois ensinaram-me a lutar pelo que queremos, a triunfar através do nosso esforço. Aos meus pais e tios pelo carinho, ajuda e ensinamentos. Ao meu irmão pelas risotas e pausas para gelado entre estudos.

Agradecer a todos os que se cruzaram no meu percurso, que deixaram algo de si no meu caminho, ajudando-me a evoluir tanto a nível pessoal como profissional.

**A mim, por ter ultrapassado todos os obstáculos e não ter desistido.**

## Índice

Índice de Gráficos .....	vi
Índice de Tabelas .....	vii
Lista de Siglas e Abreviaturas .....	viii
Página de título .....	1
Resumo.....	2
Palavras-Chave .....	2
<b>Abstract</b> .....	3
<i>Key-words</i> .....	3
<b>1. Introdução</b> .....	4
<b>2. Materiais e Métodos</b> .....	5
2.1. Questionário .....	5
2.2 Divulgação do Questionário .....	6
2.3 Participantes .....	6
2.4 Processamento de Dados .....	6
<b>3. Resultados e Discussão</b> .....	7
3.1. Caracterização dos Tutores .....	7
3.2. Caracterização dos Animais de Companhia .....	8
3.3. População de Animais de Companhia com a Desparasitação em Dia.....	10
3.4. Percepção dos Tutores Relativamente à Importância da Desparasitação .....	11
3.5. O Conhecimento Relativamente à Dirofilariose .....	15
<b>4. Conclusões e Perspetivas Futuras</b> .....	16
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	17
<b>ANEXOS</b> .....	20
<b>Anexo I</b> – Questionário “Percepção dos Tutores Quanto à Importância da Desparasitação dos seus Animais de Companhia” .....	21

## **Índice de Gráficos**

**Gráfico 1.** Dados obtidos relativamente à distribuição (em número: 1, 2, 3, 4, 5 e >5) de animais de companhia por tutor. Respostas organizadas consoante o grupo animal. .... 8

**Gráfico 2.** Dados obtidos relativamente às faixas etárias dos animais de companhia dos participantes do presente estudo. As respostas foram organizadas consoante o número de resposta por intervalos de idade (1 mês, 2 a 5 meses, 6 a 11 meses, 1 a 5 anos, 6 a 10 anos e mais de 10 anos)..... 9

**Gráfico 3.** Representação das razões às quais os tutores inquiridos deram maior importância na prática da desparasitação do(s) seu(s) animal(ais) de companhia. .... 122

**Gráfico 4.** Dados obtidos referentes ao conhecimento de agentes e/ou doenças parasitárias por parte da população inquirida, organizados quanto à frequência (absoluta e relativa) de respostas. .... 14

## **Índice de Tabelas**

**Tabela 1.** Organização dos dados recolhidos na primeira secção do formulário, nomeadamente, Género, Idade, Região de Residência e Nível de Escolaridade do tutor, quanto ao número de respostas e respetiva percentagem das mesmas. .... 7

**Tabela 2.** Respostas obtidas relativamente à frequência com a qual os participantes submetem o(s) seu(s) animal(ais) de companhia à desparasitação..... 11

## **Lista de Siglas e Abreviaturas**

**CAMV-** Centro de Atendimento Médico-Veterinário

**ESCCAP-** do Inglês *European Scientific Council Companion Animal Parasites*; Conselho Científico Europeu de Parasitas dos Animais de Companhia

**IC** – Intervalo de confiança.

**p** - do Inglês *Peerson's Chi-Squared test significance value*; valor de significância do teste do Qui-Quadrado.

## **Importância da Desparasitação dos Animais de Companhia na Perceção dos Tutores**

Inês Roque<sup>a</sup>, Ricardo Cabeças<sup>a</sup>, Rita Larcher<sup>b</sup>, Sérgio Sousa<sup>a</sup>, Sofia Duarte<sup>a,c</sup>

<sup>a</sup>CIVG – Centro de Investigação Vasco da Gama/ EUVG - Escola Universitária Vasco da Gama, Av. José R. Sousa Fernandes 197, Campus Universitário- Bloco B, Lordemão, 3020-210, Coimbra, Portugal

([ines.sofiafr10@gmail.com](mailto:ines.sofiafr10@gmail.com), [ricardo.cabeças@euvg.pt](mailto:ricardo.cabeças@euvg.pt), [sergio.sousa@euvg.pt](mailto:sergio.sousa@euvg.pt), [sofia.duarte@euvg.pt](mailto:sofia.duarte@euvg.pt))

<sup>b</sup> Centro Veterinário do Baixo Mondego, Travessa dos Bombeiros, Urbanização Val'Verde Lote A, 3140–250 Montemor-O-Velho, Coimbra, Portugal ([cvbaixomondego@gmail.com](mailto:cvbaixomondego@gmail.com))

<sup>c</sup> REQUIMTE-LAQV, Laboratório de Bromatologia e Farmacognosia, Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, Polo III, Azinhaga de St<sup>a</sup> Comba, 3000-548 Coimbra, Portugal

## **Resumo**

Os animais de companhia estão expostos a diferentes agentes parasitários responsáveis pela infeção e consequente desenvolvimento de doença clínica de leve sintomatologia a situações que podem colocar o animal em risco de vida. Além disso, os agentes parasitários são responsáveis pelas doenças zoonóticas mais importantes, transmitidas pelos animais ao homem e vice versa, sendo este um tema bastante importante tanto a nível da saúde animal bem como da saúde pública, existindo a necessidade de uma abordagem *One Health*.

Sendo a desparasitação um ato médico-veterinário simples, mas de elevada importância, foi realizado um estudo com o objetivo de avaliar a perceção dos tutores relativamente à importância da desparasitação dos seus animais de companhia, através da divulgação de um inquérito por questionário *online*, composto por 32 questões organizadas em 5 secções. Foram obtidas, após aplicação dos critérios de exclusão, 181 respostas.

A maioria dos participantes do presente estudo era detentor ou cuidador de cães ou de gatos, continuando a ser estes os animais de companhia mais prevalentes em Portugal, possuindo a desparasitação em dia.

A maioria dos tutores inquiridos afirmou seguir o esquema de desparasitação indicado pelo médico veterinário, sendo este um dos fatores chave para uma boa prevenção do aparecimento de doenças nos animais e 93,9% dos tutores reconheceram que a desparasitação dos seus animais de companhia é um ato de elevada importância no âmbito da saúde pública

As principais razões que levavam os inquiridos a desparasitar os seus animais foram a prevenção de doenças no animal, a prevenção de doenças zoonóticas e o aconselhamento pelo médico veterinário.

A quinta secção do questionário foi relativa à *Dirofilariose*, onde foi notada uma relação de dependência entre a região de residência do tutor com o conhecimento da doença. O conhecimento da doença é também um fator que leva os tutores a realizarem a respetiva prevenção nos seus animais de companhia.

Os resultados deste estudo revelam que é necessária uma maior educação dos tutores quanto à importância da prevenção de doenças parasitárias de carácter zoonótico e o enquadramento destas no âmbito da saúde pública.

**Palavras-Chave:** Agentes Parasitários; Desparasitação; Prevenção; Saúde Animal; Saúde Pública;

## **Abstract**

*Pets are exposed to different parasitic agents responsible for infections and subsequent development of the clinical illness of light symptoms, to situations that can endanger the life of the pet. Furthermore, the parasitical agents are responsible for the major zoonotic diseases, transmitted by the animals to humans and vice versa. This is a major important subject in regard to public and animal health, calling for an One Health approach.*

*Being the deworming, a simple veterinarian act, but of the most importance, a study was conducted with the goal of assessing the notion of the owners in relation to the importance of the deworming in their pets, through the divulgence of an online survey, consisting of 32 questions organized into 5 sections. A total of 181 responses were obtained after applying the exclusion criteria.*

*The majority of the study participants owned dogs or cats, being these the most prevalent type of pets in Portugal; and also having the deworming up to date.*

*Thus, most tutors stated that they followed the deworming scheme indicated by the veterinarian, this is one of the main factors to achieve a good prevention of diseases in animals and 93.9% of tutors recognized that the prevention of the pet's diseases is an act of high importance in the field of public health.*

*The main reasons that lead tutor's deworming practices of their pets were the prevention of both pet and zoonotic diseases and because they were advised by the veterinarian.*

*The fifth section was related to Heartworm disease, where a relationship of dependence between the tutor's area of residence and the knowledge of the disease was noted. Knowledge of the disease is also a factor that led tutors to carry out the prevention of this parasitic disease in their pets.*

*In general, it is possible to make good reviews and conclusions about the tutors' responses, but it was also noted that there is still a need for greater education of society regarding the importance of preventing parasitic diseases and the framing of these diseases within the scope of public health.*

**Key-words:** *Animal Health; Deworming Practices; Parasitic Agents; Prevention; Public Health*

## 1. Introdução

Os animais de companhia (animal doméstico, nomeadamente canídeos e/ou felídeos) bem como os novos animais de companhia (animais exóticos mantidos como animais domésticos, para além de canídeos/felídeos), nomeadamente pequenos mamíferos roedores, lagomorfos, répteis e aves (Ballard, 2017). são animais que são cada vez mais considerados como parte da família (Walsh, 2009). Os animais de companhia estão expostos a diferentes agentes parasitários, como protozoários, trematodes, nematodes e cestodes. Dependendo do agente responsável pela infeção, a gravidade da doença clínica varia desde uma leve sintomatologia gastrointestinal, com diarreia e perda de peso gradual, a situações que podem colocar o animal em risco de vida (Roussel *et al.*, 2019). Além disso, os agentes parasitários são responsáveis por doenças zoonóticas importantes, transmitidas pelos animais ao homem e vice versa, como a Toxoplasmose, Giardiose, Toxocarose, Leishmaniose, Equinococose/Hidatidose (Baneth *et al.*, 2016). Este é por isso um tema bastante importante tanto a nível da saúde animal bem como da saúde pública, existindo a necessidade de uma abordagem *One Health* (Nguyen *et al.*, 2021; Schurer *et al.*, 2016). Na Europa, o aumento das viagens com animais de estimação bem como as mudanças climáticas cada vez mais evidentes são dois fatores com impacto relativamente à atual situação epidemiológica de certos parasitas, dado que são causas relevantes para a introdução de novos agentes parasitários em regiões não endémicas. Consequentemente, nota-se um aumento de incidência e de frequência de doenças consideradas, anteriormente, como raras (ESCCAP, 2021), nomeadamente a babesiose canina, que nos últimos anos aumentou a incidência nas regiões do norte e centro da Europa (ESCCAP, 2018).

As infeções por agentes parasitários não são estritamente relacionadas com a idade do animal, pelo que o risco se mantém ao longo da sua vida. Contudo, animais mais novos, considerados como hospedeiros recetivos sensíveis, possuem uma menor resposta imunitária, apresentando uma maior predisposição para desenvolver infeções sintomáticas. Esta é uma das razões pelas quais o médico veterinário deve adequar o protocolo de prevenção de infeção por agentes parasitários, individualizado para cada animal (ESCCAP, 2021). Existem outros fatores que o médico veterinário deve considerar para adequar o protocolo de desparasitação ao animal, como a situação epidemiológica atual do território nacional, outros fatores inerentes ao animal como a história clínica e condição atual de saúde, a região de habitação, se coabita ou convive com outras espécies animais, se é um animal *indoor* ou *outdoor*, se tem acesso livre a parques públicos, o tipo de alimentação e o tipo de condições higiosanitárias no espaço onde habita (Nguyen *et al.*, 2021; Schurer *et al.*, 2016). De modo a auxiliar o médico veterinário, foram criadas *Guidelines* específicas para cada grupo parasitário, pelo Conselho Científico Europeu de Parasitas dos Animais de Companhia (ESCCAP, do Inglês *European Scientific Council Companion Animal Parasites*).

A ESCCAP (2019) identificou grupos de parasitas com risco zoonótico elevado sendo estes o grupo dos Ascarídeos, nomeadamente a família Toxocaridae.

Para além do grupo anterior, *Echinococcus* spp. e *Dirofilaria* spp. foram identificados com elevada prevalência e larga distribuição por todo o continente europeu. Na zona mediterrânica existe uma elevada prevalência de agentes como *Dirofilaria immitis* e *Leishmania infantum* (Latrofa *et al.*, 2018).

Os animais de companhia exóticos devem dispor de espaço numa área com ventilação adequada. O substrato utilizado nas instalações deve ser trocado com frequência de forma a diminuir o grau de humidade e de forma a repelir veículos de transmissão de agentes patogénicos como moscas e larvas. Manter uma higienização adequada permite a interrupção de ciclos de vida dos parasitas. A má nutrição pode contribuir para a suscetibilidade de um animal a muitas doenças, incluindo infeções parasitárias (ESCCAP, 2019).

Devido ao facto de existir pouca informação publicada relativamente à importância percebida por parte de tutores de animais de companhia, relativamente à desparasitação, bem como o motivo pelo qual consideram importante a desparasitação e o seu conhecimento sobre algumas parasitoses no território nacional, foi realizado este estudo na forma de inquérito por questionário com o objetivo de avaliar a perceção dos tutores portugueses em relação à importância da desparasitação.

## **2. Materiais e Métodos**

O presente estudo epidemiológico, observacional (transversal) descritivo, foi aprovado pela Comissão de Ética da Escola Universitária Vasco da Gama com o parecer número 001/2021, após validação do questionário.

### **2.1. Questionário**

A recolha de dados para a realização deste estudo foi efetuada por inquérito através do preenchimento de um questionário de carácter anónimo, de forma voluntária. O questionário foi constituído por cinco secções, com o total de trinta e duas questões. A primeira secção deste questionário destinou-se a uma breve descrição do mesmo, para informação ao participante. A segunda secção destinou-se à recolha de dados gerais acerca do tutor; sendo a terceira secção referente aos animais de companhia – o número, espécie e idade dos animais de companhia, se habitavam no interior/exterior, se tinham acesso ao exterior. A quarta secção foi referente à desparasitação – desparasitação interna e/ou externa em dia, conhecimento do tutor sobre agentes responsáveis pela transmissão de doenças do animal para o Homem, as principais razões pelas quais os tutores efetuam a desparasitação, e a importância que atribuem à desparasitação. A quinta secção deste questionário foi de resposta facultativa, dado que se destinou a questões referentes especificamente à Dirofilariose. Esta secção, dirigida aos tutores de canídeos e ou de felídeos. Das trinta e duas questões que constituíram o questionário, vinte e seis

(81,3%) foram questões de escolha múltipla de seleção única, quatro (12,5%) foram no formato de caixas de verificação/seleção múltipla e duas (6,3%) foram de resposta curta (*vide* anexo II).

## **2.2 Divulgação do Questionário**

O questionário foi realizado com recurso à plataforma *online Google Forms®*, disponível para preenchimento desde o dia 16 de dezembro de 2021 até ao dia 1 de fevereiro de 2022. Foi divulgado, com elevada frequência, através das redes sociais como o *Facebook®* e *Instagram®*. De forma a aumentar o número de participantes, o respetivo *link* foi enviado por correio eletrónico a 40 centros de atendimento médico veterinário (CAMV) do território nacional, incluindo no arquipélago da Madeira e dos Açores, solicitando apoio na divulgação do questionário entre os tutores.

## **2.3 Participantes**

O inquérito foi destinado a tutores de animais de companhia, incluindo os novos animais de companhia. Como critérios de inclusão, os participantes deveriam ser maiores de 18 anos, lusófonos e residentes em Portugal, serem tutores ou tomar conta de um animal de companhia.

A detenção apenas de animais de pecuária ou apenas de peixes como animais de companhia, bem como o preenchimento incompleto do formulário foram os critérios de exclusão definidos para este estudo.

## **2.4 Processamento de Dados**

Inicialmente, a organização dos dados recolhidos foi realizada com recurso ao programa *Microsoft Excel®* de forma a ser efetuada uma análise descritiva dos dados. A maioria das perguntas e respostas do questionário foram classificadas em dados categóricos, permitindo a realização de uma análise estatística maioritariamente descritiva, organizada em número total de respostas (n) e respetivas percentagens (%).

Para testar a independência entre variáveis categóricas foi usado o teste do Qui-Quadrado, representado por p (valor do teste do Qui-Quadrado; *Pearson's Chi-squared test*). Os valores de  $p < 0.05$  foram considerados estatisticamente significativos. Esta análise foi feita através do software R, bem como o cálculo dos intervalos de confiança (IC- quanto maior o intervalo, menor a confiança transmitida na resposta) (R Core Team, 2019). Para facilitar a análise dos resultados, os dados foram organizados em subcategorias – caracterização dos tutores; caracterização dos animais de companhia; a população de animais de companhia desparasitados; a perceção dos tutores em relação à importância da desparasitação; conhecimento sobre a *Dirofilariose*.

### 3. Resultados e Discussão

No total foram recolhidas 182 respostas. No entanto, foi eliminado um inquérito por aplicação de um dos critérios de exclusão, dado que o único animal de companhia do indivíduo inquirido era um peixe.

#### 3.1. Caracterização dos Tutores

Como apresentado na Tabela 1, a maioria dos participantes pertenciam ao género feminino, com idade compreendida entre os 18 – 24 anos, residentes na região Centro de Portugal e titulares de curso superior.

Tabela 1. Organização dos dados recolhidos na primeira secção do formulário, nomeadamente, Género, Idade, Região de Residência e Nível de Escolaridade do tutor, quanto ao número de respostas e respetiva percentagem das mesmas.

Variável em estudo	n	%	IC (%)
<b>Género</b>			
Feminino	144	79,6	73-85
Masculino	35	19,3	14-26
Outro	2	1,1	0-4
<b>Idade</b>			
18-24	115	63,5	56-70
25-34	45	24,9	19-32
35-44	9	5	2-9
45-54	9	5	3-10
55-64	3	1,6	0-5
≥65	0	0	-
<b>Região de Residência</b>			
Norte	57	31,5	25-39
Centro	103	57	50-64
Lisboa e Vale do Tejo	16	8,8	5-14
Alentejo	0	0	-
Algarve	3	1,6	0-5
Região Autónoma da Madeira	2	1,1	0-4
Região Autónoma dos Açores	0	0	-
<b>Nível de Escolaridade</b>			
1º Ciclo	1	0,5	0-3
2º Ciclo	0	0	-
3º Ciclo	1	0,5	0-3
Ensino Secundário	40	22,1	16-29
Ensino Superior	139	76,8	70-83

A maioria dos inquiridos (81,2%; n=147) não possuía crianças em casa, que coabitassem com os animais de estimação. Da população inquirida, apenas 18,8% (n=34) detinha crianças que conviviam com os animais de estimação.

### 3.2. Caracterização dos Animais de Companhia

A maioria dos inquiridos (66,8%; n=121) indicou ser tutor de mais que um animal de companhia, pelo que os restantes participantes eram tutores de apenas um animal (33,2%; n=60).

O Gráfico 1. apresenta a distribuição da categoria dos animais de companhia dos inquiridos. A maioria da população inquirida era tutora de um (38,6%; n=70), dois (18,7%; n=34) ou três (9,4%; n=17) canídeos, seguido de um (32,6%; n=59) ou dois (13,2%; n=24) felídeos, demonstrando que cães e gatos representam a maioria dos animais de companhia em Portugal. Onze inquiridos indicaram ser tutores de um animal de outra categoria (6,1%; n=11). Os tutores de novos animais de companhia corresponderam a um número mais reduzido, sendo que doze participantes mencionaram deter um réptil em casa (6,6%; n=12), como por exemplo iguanas, dragões barbudos, tartarugas, oito possuíam um pequeno mamífero (4,4%; n=8), como por exemplo coelhos, chinchilas, de entre outros pequenos roedores, oito tutores afirmaram deter uma ave (4,4%; n=8) como papagaios ou psitacídeos.

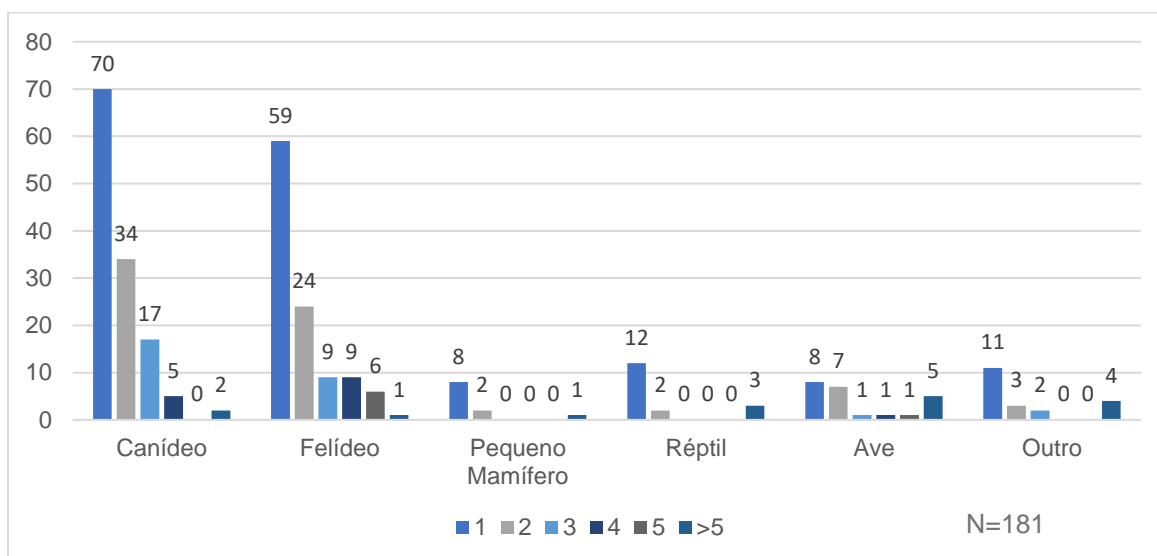


Gráfico 1. Dados obtidos relativamente à distribuição (em número: 1, 2, 3, 4, 5 e >5) de animais de companhia por tutor. Respostas organizadas consoante o grupo animal.

Quanto à detenção de mais de três animais do mesmo grupo, o número de respostas foi menor, principalmente nos novos animais de companhia.

Relativamente aos animais de companhia da categoria “Outro” que foram referidos pelos tutores, a maioria dos tutores detinha peixes (5,5%; n=10), equinos (1,6%; n=3), caprinos, bovinos e suínos que representam, igualmente, 0,5% da amostra (n=1).

A maioria dos tutores, segundo o Gráfico 2., indicou que os seus animais de companhia tinham entre 1 e 5 anos, nomeadamente caninos (39,2%; n=71) e felinos (34,8%; n=63). A segunda faixa etária dos animais de companhia que obteve um maior número de respostas foi a faixa dos 6 aos 10 anos.

As faixas etárias que obtiveram um menor número de respostas foram as correspondentes a 1 mês e entre 2 e 5 meses de idade.

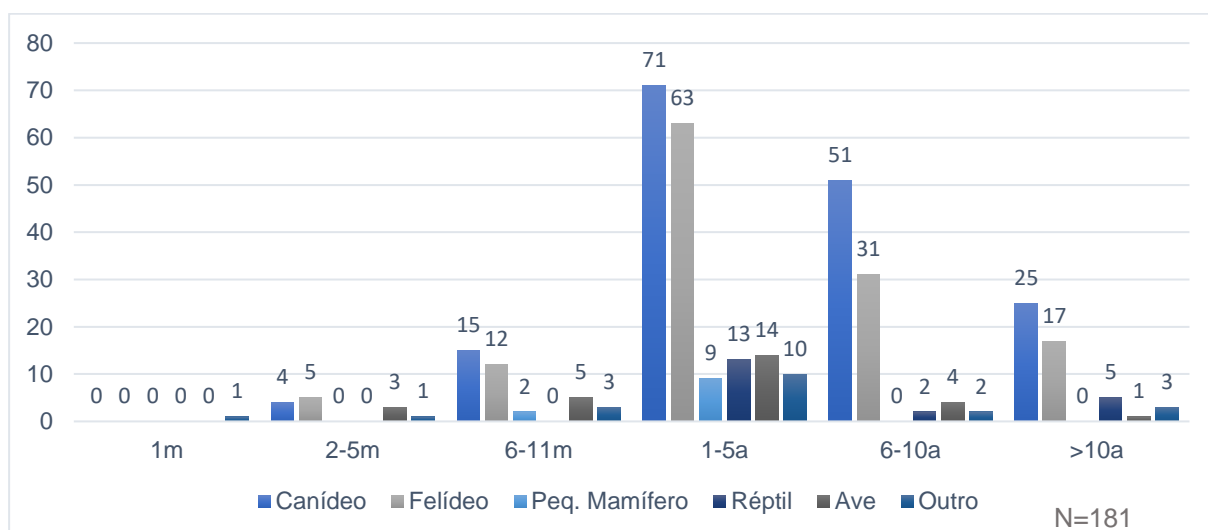


Gráfico 2. Dados obtidos relativamente às faixas etárias dos animais de companhia dos participantes do presente estudo. As respostas foram organizadas consoante o número de resposta por intervalos de idade (1 mês, 2 a 5 meses, 6 a 11 meses, 1 a 5 anos, 6 a 10 anos e mais de 10 anos).

No total de 181 participantes, considerando os que indicaram ser tutores de diferentes grupos de animais de companhia, 36,4% (n=66) responderam existir coabitação, enquanto 21,1% (n=38) referiram que não existia coabitação entre diferentes grupos animais.

Para a maioria dos tutores, os seus animais de companhia habitavam no interior de casa com livre acesso ao espaço exterior (60,2%; n=109)- Esta percentagem é importante dado que animais que frequentam mais o exterior têm maior probabilidade de serem infetados por parasitas transmitidos a partir do solo, nomeadamente helmintes (do inglês *soil-transmitted helminths*). Por exemplo, para além

da dispersão no ambiente através de vetores ou de arrastamento pela água da chuva, os ovos de *Echinococcus* spp. podem ficar aderidos a fômites como solas de sapato e às almofadas plantares dos animais, contribuindo para a dispersão destes ovos no ambiente e nas habitações dos tutores (Baneth *et al.*, 2016)-. Em seguida, a categoria que obteve um maior número de respostas foram os animais que habitavam estritamente no interior de casa (27,1%; n=49).

Apenas 5,5% dos tutores (n=10) detinham animais estritamente no exterior e com a mesma percentagem de resposta, tutores que tanto detinham animais de companhia de interior e, simultaneamente, animais de companhia de exterior. Com um menor número de respostas, apenas 1,7% (n=3) dos inquiridos respondeu que detinha animais de companhia de exterior com acesso ao interior da casa.

### 3.3. População de Animais de Companhia com a Desparasitação em Dia

Dos 181 inquiridos, a maioria afirmou que os seus animais de companhia detinham a desparasitação interna (91,2%; n=165; IC= 85-94%) e externa (93,9%; n=170; IC=89-97%) em dia (atualizada segundo o esquema definido para o animal), por oposição a 16 (8,8%; IC=5-14%) e 11 (6,1%; IC=3-11%) tutores, respetivamente.

Conforme ilustrado na Tabela 2, a maioria (83,4%) dos tutores afirmou que desparasitam os seus animais de companhia “Regularmente, segundo o esquema indicado pelo médico veterinário”. Vinte e cinco tutores responderam desparasitar os seus animais “esporadicamente, quando os levam ao veterinário”.

Ao avaliar as respostas à frequência de desparasitação, é relevante o facto da maioria dos tutores seguir as recomendações indicadas pelo médico veterinário. Este deve realizar um esquema de desparasitação individualizado após avaliação do animal e do estilo de vida do mesmo (Pereira *et al.*, 2016), a frequência de desparasitação não deve ultrapassar três meses de intervalo entre as mesmas. O controlo de endoparasitas deve ser realizado no mínimo quatro vezes por ano (ESCCAP, 2021).

Tabela 2. Respostas obtidas relativamente à frequência com a qual os participantes submetem o(s) seu(s) animal(ais) de companhia à desparasitação.

<b>Frequência de desparasitação dos animais:</b>	<b>Nº de respostas</b>	<b>%</b>
<i>Regularmente, segundo o esquema indicado pelo Médico Veterinário</i>	151	83,4
<i>Esporadicamente, quando vai ao Veterinário</i>	25	13,8
<i>Somente quando mais novo</i>	2	1,1
<i>Nunca desparasitei</i>	3	1,7

#### 3.4. Perceção dos Tutores Relativamente à Importância da Desparasitação

A maioria dos tutores inquiridos (99,5%; n=180; IC=96-99%) afirmaram que consideram que a desparasitação era importante, sendo que apenas uma resposta foi negativa (0,5%; n=1; IC=3%).

O Gráfico 3. apresenta as principais razões pelas quais os tutores afirmaram desparasitar o seu animal de estimação. Segundo as respostas obtidas, a maioria dos tutores realiza o ato da desparasitação dos seus animais de modo a prevenir o desenvolvimento de doenças parasitárias (98,8%). A prevenção de transmissão de zoonoses foi a segunda principal razão escolhida pelos inquiridos (77,3%) para a desparasitação dos seus animais de estimação. É de realçar que a questão referida neste gráfico foi de escolha múltipla livre, permitindo aos tutores a escolha de mais que uma opção e de adicionar outras razões que, para si, seriam mais pertinentes.

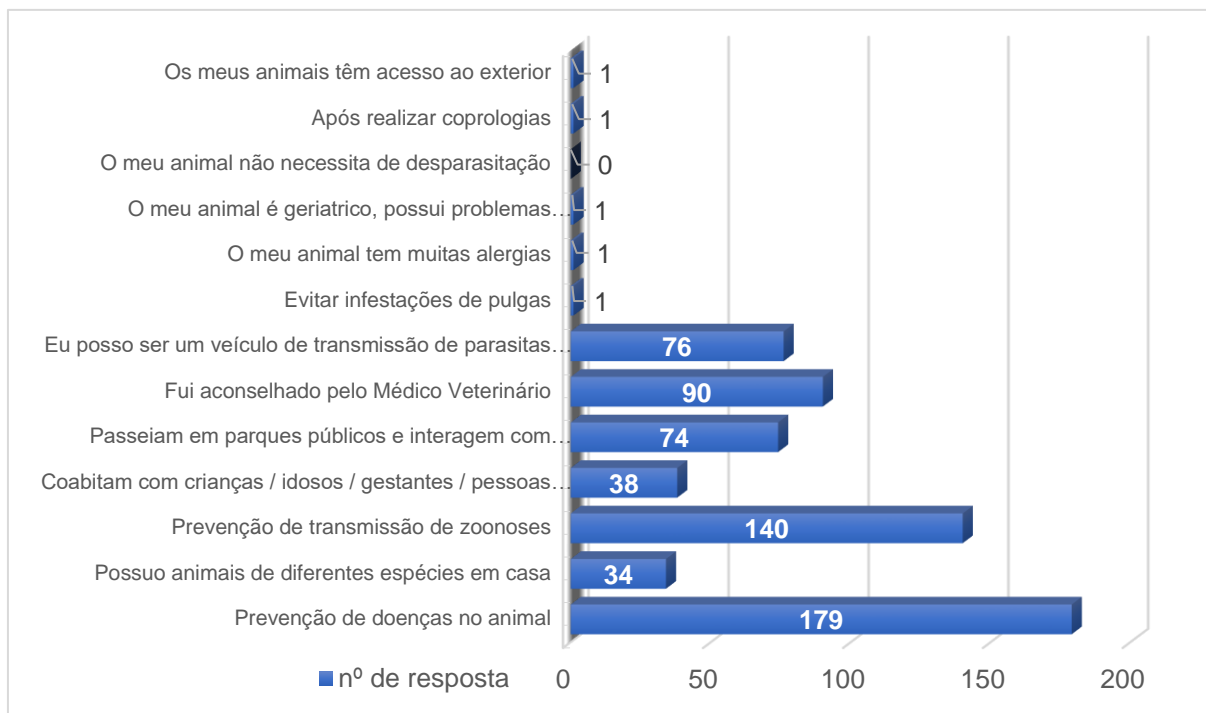


Gráfico 3. Representação das razões às quais os tutores inquiridos deram maior importância na prática da desparasitação do(s) seu(s) animal(ais) de companhia.

As razões que representaram pouca importância para os tutores foram “Os meus animais coabitam com crianças / idosos/ gestantes / pessoas imunodeprimidas” (20,9%) bem como a opção “Possuo animais de diferentes espécies em casa” (18,8%). São percentagens baixas quando comparadas à importância que estes fatores deveriam ter na prevenção da transmissão de agentes parasitários, nomeadamente a grupos de alto risco como crianças. As crianças apresentam-se como um grupo de alto risco de infeção dado que brincam no chão, em parques públicos, em caixas de areia; estes locais são também frequentados por animais de companhia e/ou animais silvestres que perpetuam o ciclo de agentes parasitários como *Toxocara* spp. através das fezes. As crianças possuem também hábitos de geofagia permitindo que estas ingiram facilmente o parasita (Otero *et al.*, 2018). Pode ser também frequente a ingestão acidental de pulgas adultas com *Dipylidium caninum*, após contacto com os animais de estimação (La Torre *et al.*, 2018).

De forma concordante, estudos anteriores (Miró *et al.*, 2020; Pennelegion *et al.*, 2020; Roussel *et al.*, 2019; Strube *et al.*, 2019) indicaram que a maioria dos tutores referiram que as principais razões pelas quais desparasitavam os seus animais de companhia seriam a prevenção de doenças nos mesmos (98,8%) bem como a prevenção da transmissão de zoonoses (77,3%).

Segundo Pereira *et al.*, (2016), a maioria dos participantes do seu estudo, afirmou desparasitar os seus cães e/ou gatos por razões profiláticas, semelhante ao presente estudo, bem como por razões de tratamento de infeções parasitárias anteriormente diagnosticadas. A minoria (1,2% de 536 participantes) respondeu que realizava a desparasitação por questões de saúde pública neste mesmo estudo conduzido em Portugal entre outubro e dezembro de 2015.

Em geral, nos estudos similares publicados anteriormente (Miró *et al.*, 2020; Pennelegion *et al.*, 2020; Roussel *et al.*, 2019; Strube *et al.*, 2019), observou-se que as razões de menor importância para a desparasitação por parte dos inquiridos foram o convívio com outros animais domésticos e silvestres bem como a interação dos animais com crianças, idosos e gestantes, à semelhança do corrente estudo.

A maioria dos tutores (91,2%; n=165; IC= 85-95%) indicou ter conhecimento da existência de doenças parasitárias zoonóticas, das quais os seus animais podiam ser vetores de transmissão aos humanos e vice-versa. Por outro lado, 8,8% (n=16; IC= 5-14%) dos tutores revelou não ter conhecimento deste facto. Este resultado demonstra a importância da educação dos tutores por parte do médico veterinário em relação a este tema.

Setenta e três tutores (40,3%) adquirem os desparasitantes em farmácias e/ou superfícies comerciais, mas a maioria (n=105; 58%) indicou que não adquire nestes locais. Três participantes não responderam à questão, uma vez que não era de carácter obrigatório. Ainda assim, importa realçar que, no total da população inquirida, 87,3% (n=158) dos tutores mostrou ter conhecimento de que, adquirir e aplicar desparasitantes sem aconselhamento médico-veterinário poderia colocar a saúde dos seus animais em risco. Por outro lado, 12,7% (n=23) afirmou desconhecer este risco.

A maioria (69,6%; n=126; IC= 62-76%) dos tutores apontou ter conhecimento relativamente à existência de resistências pelos agentes parasitários às substâncias antiparasitárias dos desparasitantes. Contudo, os restantes inquiridos (30,4%; n=55; IC=24-38%) desconheciam esta problemática. Estudos recentes indicam que há cada vez mais resistências a substâncias como fipronil, ivermectina, deltametrina por parte de parasitas externos como *Rhipicephalus* spp., diminuindo a eficácia dos desparasitantes mais comumente vendidos em farmácias e em superfícies comerciais (Abbas *et al.*, 2016; Becker *et al.*, 2019).

Mais de três quartos (76,2%; n=138) da totalidade dos tutores afirmou que os seus animais nunca foram alvo de um exame coprológico – estando a respetiva definição incluída no questionário - por parte do médico veterinário. Vinte e cinco tutores (13,8%) responderam que as fezes dos seus animais já foram submetidas à análise referida; dezoito tutores (9,9%) não demonstraram conhecimento relativamente à intervenção do médico veterinário em contexto do exame coprológico. Segundo a ESCCAP, o exame coprológico é um importante meio de diagnóstico complementar tanto para identificar quais as espécies

de agentes parasitários responsáveis por certas infeções do animal sintomatológico – de modo a implementar o uso da substância ativa adequada- bem como para estimar a eficácia da substância utilizada no tratamento das infeções. Estimar esta eficácia vai permitir a determinação de resistências aos desparasitantes já existentes disponíveis no mercado (ESCCAP, 2021). Podemos deduzir que a percentagem de animais submetidos a este exame, no presente estudo, é muito baixa tendo em conta que este tipo de exame complementar poderia ser realizado de forma mais rotineira na prática clínica.

O Gráfico 4. resume as respostas que foram obtidas na questão “Assinale os agentes e/ou doenças parasitárias das quais tem conhecimento ou já ouviu falar”, na qual foi possível a seleção de mais que uma resposta. Foram indicadas com maior expressão “Infeções por carraças / febre da carraça”; “Infeção por pulgas e piolhos”; “Gastroenterites por parasitas gastrointestinais”. A Leishmaniose (91,7%), a infeção por Ácaros /Sarna, por vezes erradamente designada de “tinha”, foram opções que também detiveram um elevado número de respostas.

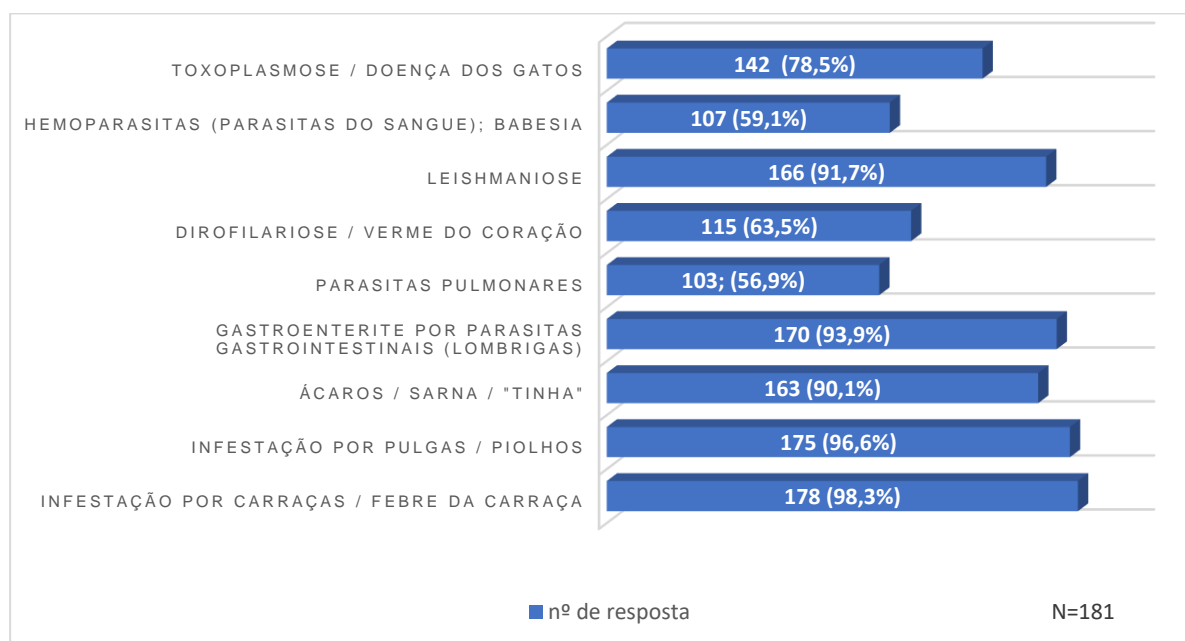


Gráfico 4. Dados obtidos referentes ao conhecimento de agentes e/ou doenças parasitárias por parte da população inquirida, organizados quanto à frequência (absoluta e relativa) de respostas.

É de realçar que 93,9% dos tutores reconheceram que a desparasitação dos seus animais de companhia é um ato de elevada importância no âmbito da saúde pública (n=170; IC=89-97%); os restantes (6,1%) revelou não deter este conhecimento (n=11; IC= 3-11%).

A última questão da quarta secção do presente inquérito teve como objetivo perceber se os participantes ficaram com interesse em ampliar o seu conhecimento acerca deste importante tema de

saúde pública, enquadrável no conceito *One Health*, junto do médico veterinário que habitualmente acompanha os respetivos animais de companhia. A maioria (68%; n=123) dos tutores afirmaram que pretendiam expor as suas dúvidas enquanto quarenta e seis (25,4%) demonstraram indecisão. Uma minoria de tutores (6,6%; n=12) respondeu que não teriam interesse em expor as suas dúvidas junto do seu médico-veterinário.

### 3.5. O Conhecimento Relativamente à Dirofilariose

Antes de avançar para a secção seguinte, foi colocada a hipótese aos participantes de responderem (ou não) às questões referentes à Dirofilariose em secção individual. Sendo que oito (4,4%) participantes não detinham canídeos e/ou felídeos, acabaram o inquérito neste ponto; onze (6,1%) inquiridos não pretenderam responder à secção seguinte e terminaram o inquérito no fim da secção anterior. Desta forma, um total de cento e sessenta e dois (89,5%) participantes responderam a esta secção específica. Esta secção foi dirigida à Dirofilariose, dado que é uma das parasitoses de maior incidência em Portugal.

Dos 162 tutores que se disponibilizaram a responder à presente secção, 107 (66%) detinham conhecimento sobre a Dirofilariose, sendo que os restantes 55 (34%) inquiridos responderam que não tinham conhecimento sobre a doença. Este resultado é comparável às respostas obtidas na secção anterior e ilustradas no gráfico 4. Segundo o teste do Chi-Quadrado, existe uma dependência de resposta ( $p=0,01$ ) entre a região de residência com o conhecimento da Dirofilariose. *Dirofilaria immitis* é endémica em Portugal devido ao clima mediterrânico propício ao ciclo de vida do vetor mosquito culicídeo (*Culex* spp.; *Anopheles* spp.; *Aedes* spp.) sendo a sua prevalência elevada nas regiões da Ilha da Madeira, Algarve, distrito de Setúbal, distrito de Coimbra nomeadamente na Figueira da Foz. Esta elevada prevalência deve-se ao facto destas zonas serem situadas em zonas estuárias junto aos rios Sado, Tejo, Mondego, respetivamente, onde se formam charcos e onde se encontram campos de cultivo de arroz (Margarida *et al.*, 2018).

Em relação ao teste de despiste da Dirofilariose dos animais de companhia (excluindo novos animais de companhia), aproximadamente 22,8% (n=37) dos participantes afirmou já ter testado os seus animais de estimação no centro de atendimento médico-veterinário; os restantes 77,2% (n=125) declarou nunca ter submetido os seus animais a este teste de despiste.

Aproximadamente 92,6% (n=150) dos tutores inquiridos declarou que os seus animais de companhia não estavam ou nunca tiveram infetados com a doença referida. Da totalidade, 5,6% (n=9) referiu que não tem conhecimento dado que nunca submeteram os seus animais à realização do despiste da Dirofilariose e os restantes 1,9% (n=3) afirmaram que os animais que detém já tiveram ou estariam infetados com a doença.

Relativamente à prevenção da continuidade do ciclo das microfilárias com o principal objetivo de avaliar se os tutores realizavam desparasitação de forma preventiva aos seus animais de estimação, dos 162 tutores, 78 (48,1%) responderam que utilizavam uma das formas de prevenção mencionadas na questão. No entanto, 84 (51,9%) participantes declararam não utilizar nenhum dos métodos de prevenção referidos. Em relação ao teste do Chi-Quadrado, foi evidenciado um valor de  $p$  estatisticamente significativo ( $p < 0.001$ ) que indicou que a prevenção contra a *Dirofilaria*, por parte dos tutores, depende do conhecimento da doença.

Quanto aos resultados referentes à presente secção, é de evidenciar que apesar da maioria dos inquiridos indicar ter conhecimento da doença provocada por *Dirofilaria*, apenas 22,8% ( $n=37$ ) submeteu os seus animais de companhia ao teste de despiste e 48,1% admitiu fazer a prevenção contra esta doença que, pode ser fatal para os animais, quando tardiamente diagnosticada (Noack *et al.*, 2021), sendo por este motivo importante o médico veterinário alertar os tutores para a presença deste parasita nas regiões de maior incidência do mesmo e conseqüentemente, incentivar a prevenção através da desparasitação, e se necessário, testagem dos animais.

#### **4. Conclusões e Perspetivas Futuras**

Este estudo teve como principal objetivo avaliar a importância dada à desparasitação dos seus animais de estimação, bem como estimar a perceção dos tutores portugueses relativamente ao conhecimento sobre esta prática e sobre algumas doenças e seus agentes etiológicos.

Ao avaliar as respostas ao inquérito, a maioria da população da amostra demonstrou a detenção da desparasitação dos seus animais de companhia atualizada, tanto interna como externa. A maioria dos tutores reconheceu que a desparasitação é um ato importante na saúde animal bem como na saúde humana.

Todos os animais estão em constante risco de infeção por parte de agentes parasitários com conseqüente desenvolvimento de doença, sendo estes agentes também um problema de saúde pública devido ao seu potencial zoonótico. A (in)formação dos tutores pelo médico veterinário, aquando das primeiras consultas é um fator fundamental para as boas práticas na utilização da desparasitação, possibilitando a interrupção do ciclo de vida dos parasitas bem como a ocorrência de infeção sendo esta prática valorizada numa visão *One Health*.

Devido à importância suprarreferida, seria importante a realização de mais estudos deste género em contexto de clínica realizado com a participação de um maior número de Médicos Veterinários. Recomenda-se uma maior divulgação e o aumento da literacia sobre o tema e de forma mais importante relativamente às zoonoses, de modo a gerar um maior impacto junto à população.

## Referências Bibliográficas

- Abbas, N., Ijaz, M., Shad, S. A., & Binyameen, M. (2016). Assessment of resistance risk to fipronil and cross resistance to other insecticides in the *Musca domestica* L. (Diptera: Muscidae). *Veterinary Parasitology*, 223, 71–76. <https://doi.org/10.1016/j.vetpar.2016.04.026>
- Baneth, G., Thamsborg, S. M., Otranto, D., Guillot, J., Blaga, R., Deplazes, P., & Solano-Gallego, L. (2016). Major Parasitic Zoonoses Associated with Dogs and Cats in Europe. *Journal of Comparative Pathology*, 155(1), S54–S74. <https://doi.org/10.1016/j.jcpa.2015.10.179>
- Becker, S., Webster, A., Doyle, R. L., Martins, J. R., Reck, J., & Klafke, G. M. (2019). Resistance to deltamethrin, fipronil and ivermectin in the brown dog tick, *Rhipicephalus sanguineus sensu stricto*, Latreille (Acari: Ixodidae). *Ticks and Tick-Borne Diseases*, 10(5), 1046–1050. <https://doi.org/10.1016/j.ttbdis.2019.05.015>
- ESCCAP. (2018). Control of Ectoparasites in Dogs and Cats. In *European Scientific Counsel Companion Animal Parasites* (Issue March). [https://www.esccap.org/uploads/docs/mjy50wev\\_0720\\_ESCCAP\\_Guideline\\_GL3\\_v9\\_1p.pdf](https://www.esccap.org/uploads/docs/mjy50wev_0720_ESCCAP_Guideline_GL3_v9_1p.pdf)
- ESCCAP. (2019). *Control of Parasites and Fungal Infections in Small Pet Mammals 1* (Issue July).
- ESCCAP. (2021). Worm control in dogs and cats. In *ESCCAP (European scientific counsel animal parasites)* (Vol. 6, Issue February). <https://www.esccap.org/guidelines/gl1/>
- La Torre, F., Di Cesare, A., Simonato, G., Cassini, R., Traversa, D., & Di Regalbono, A. F. (2018). Prevalence of zoonotic helminths in italian house dogs. *Journal of Infection in Developing Countries*, 12(8), 666–672. <https://doi.org/10.3855/JIDC.9865>
- Latrofa, M. S., Iatta, R., Dantas-Torres, F., Annoscia, G., Gabrielli, S., Pombi, M., Gradoni, L., & Otranto, D. (2018). Detection of *Leishmania infantum* DNA in phlebotomine sand flies from an area where canine leishmaniosis is endemic in southern Italy. *Veterinary Parasitology*, 253(February), 39–42. <https://doi.org/10.1016/j.vetpar.2018.02.006>
- Margarida, A., Meireles, J., Schnyder, M., Cardoso, L., Belo, S., Deplazes, P., Madeira, L., & Carvalho, D. (2018). *Veterinary Parasitology Dirofilaria immitis and Angiostrongylus vasorum: The current situation of two major canine heartworms in Portugal*. 252(December 2017), 120–126. <https://doi.org/10.1016/j.vetpar.2018.01.008>
- Miró, G., Gálvez, R., Montoya, A., Delgado, B., & Drake, J. (2020). Survey of Spanish pet owners about endoparasite infection risk and deworming frequencies. *Parasites and Vectors*, 13(1), 1–10. <https://doi.org/10.1186/s13071-020-3976-8>

- Nguyen, T., Clark, N., Jones, M. K., Herndon, A., Mallyon, J., Soares Magalhaes, R. J., & Abdullah, S. (2021). Perceptions of dog owners towards canine gastrointestinal parasitism and associated human health risk in Southeast Queensland. *One Health*, 12, 100226. <https://doi.org/10.1016/j.onehlt.2021.100226>
- Noack, S., Harrington, J., Carithers, D. S., Kaminsky, R., & Selzer, P. M. (2021). Heartworm disease – Overview, intervention, and industry perspective. *International Journal for Parasitology: Drugs and Drug Resistance*, 16(April), 65–89. <https://doi.org/10.1016/j.ijpddr.2021.03.004>
- Otero, D., Alho, A. M., Nijssen, R., Roelfsema, J., Overgaauw, P., & Madeira de Carvalho, L. (2018). Environmental contamination with *Toxocara* spp. eggs in public parks and playground sandpits of Greater Lisbon, Portugal. *Journal of Infection and Public Health*, 11(1), 94–98. <https://doi.org/10.1016/j.jiph.2017.05.002>
- Pennelegion, C., Drake, J., Wiseman, S., & Wright, I. (2020). Survey of UK pet owners quantifying internal parasite infection risk and deworming recommendation implications. *Parasites and Vectors*, 13(1), 1–11. <https://doi.org/10.1186/s13071-020-04086-2>
- Pereira, A., Martins, Â., Brancal, H., Vilhena, H., Silva, P., Pimenta, P., Diz-Lopes, D., Neves, N., Coimbra, M., Alves, A. C., Cardoso, L., & Maia, C. (2016). Parasitic zoonoses associated with dogs and cats: A survey of Portuguese pet owners' awareness and deworming practices. *Parasites and Vectors*, 9(1), 1–9. <https://doi.org/10.1186/s13071-016-1533-2>
- Roussel, C., Drake, J., & Ariza, J. M. (2019). French national survey of dog and cat owners on the deworming behaviour and lifestyle of pets associated with the risk of endoparasites. *Parasites and Vectors*, 12(1), 1–13. <https://doi.org/10.1186/s13071-019-3712-4>
- Schurer, J. M., Mosites, E., Li, C., Meschke, S., & Rabinowitz, P. (2016). Community-based surveillance of zoonotic parasites in a 'One Health' world: A systematic review. *One Health*, 2, 166–174. <https://doi.org/10.1016/j.onehlt.2016.11.002>
- Strube, C., Neubert, A., Springer, A., & Von Samson-Himmelstjerna, G. (2019). Survey of German pet owners quantifying endoparasitic infection risk and implications for deworming recommendations. *Parasites and Vectors*, 12(1), 1–11. <https://doi.org/10.1186/s13071-019-3410-2>
- Team, R. C. (2019). *R: A language and environment for statistical computing*. Foundation for Statistical Computing.

Walsh, F. (2009). Human-animal bonds II: The role of pets in family systems and family therapy. *Family Process*, 48(4), 481–499. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2009.01297.x>

## **ANEXOS**

## Anexo I – Questionário “Percepção dos Tutores Quanto à Importância da Desparasitação dos seus Animais de Companhia”

15/12/21, 11:48

Percepção dos Tutores Quanto à Importância da Desparasitação dos seus Animais de Companhia

# Percepção dos Tutores Quanto à Importância da Desparasitação dos seus Animais de Companhia

Este estudo, realizado no âmbito de um estágio curricular do Mestrado Integrado em Medicina Veterinária da Escola Universitária Vasco da Gama, tem como objetivo de avaliar a percepção dos tutores relativamente à importância da desparasitação dos animais de companhia no âmbito da saúde animal e da saúde pública em Portugal. Destina-se a ser preenchido por tutores (com pelo menos 18 anos) de animais de companhia. O questionário demora menos de 10 minutos a preencher. Email de contacto: [ines.sofiafr10@gmail.com](mailto:ines.sofiafr10@gmail.com)

---

**\*Obrigatório**

1. e-mail: \*

---

Dados do Tutor

2. Género \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Feminino  
 Masculino  
 Outro

## 3. Idade (compreendida entre) \*

*Marcar apenas uma oval.*

- 18 - 24
- 25 - 34
- 35 - 44
- 45 - 54
- 55 - 64
- 65 - 84
- ≥ 85

## 4. Região de Residência \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Norte
- Centro
- Lisboa e Vale do Tejo
- Alentejo
- Algarve
- Região Autónoma da Madeira
- Região Autónoma dos Açores

## 5. Concelho de Residência \*

---

## 6. Nível de Escolaridade \*

*Marcar apenas uma oval.*

- 1º ciclo (i.e. educação primária)
- 2º ciclo (5º-6º ano)
- 3º ciclo (7º, 8º, 9º ano)
- Ensino secundário (10º, 11º, 12º ano)
- Ensino Superior (Licenciatura, Mestrado, Doutoramento)

## 7. 6. Tem criança(s) em casa que convive(m) com o animal de estimação \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

## Animais de Companhia

## 8. Possui mais do que um animal de companhia? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

9. Indique a(s) espécie(s) do(s) seu(s) animal/animais de companhia e seleccione o número de animais por espécie.

Exemplo: Tenho 3 cães, 2 gatos e 1 coelho -> Na linha "canídeo" assinalo o quadrado com um "3". Na linha "felídeo" assinalo o quadrado respeitante ao número "2" e na linha "pequeno mamífero" assinalo o quadrado respeitante ao número "1". Exemplo 2: Tenho 1 papagaio -> Na linha "Ave" assinalo o quadrado correspondente ao número "1".

Marcar tudo o que for aplicável.

	1	2	3	4	5	>5
Canídeo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Felídeo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pequeno mamífero / Roedor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Réptil	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ave	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

10. Indique a(s) faixa(s) etária(s) do(s) seu(s) animal/animais de companhia de acordo com a(s) espécie(s) do(s) mesmo(s).

exemplo: Tenho um cão com 3 anos e um coelho com 7 meses (assinalo "Canídeo" e "1 ano - 5 anos" e ("Pequeno Mamífero" e "6 - 11 meses") ou Tenho 2 cães, um tem 5 meses e o outro tem 3 anos (assinalo os quadros "2 - 5 meses" e "1-5 anos" na "canídeo").

Marcar tudo o que for aplicável.

	1 mês	2 - 5 meses	6 - 11 meses	1 - 5 anos	6 - 10 anos	>10 anos
Canídeo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Felídeo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pequeno mamífero / Roedor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Réptil	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ave	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

11. Se seleccionou "outro", especifique a espécie e respetiva faixa etária.

\_\_\_\_\_

12. No caso de possuir animais de diferentes espécies, estes convivem / coabitam juntos?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

13. O(s) seu(s) animal/animais de companhia: \*

*Marcar apenas uma oval.*

São estritamente de interior

São estritamente de exterior

Habitam no interior com acesso ao exterior

Outra: \_\_\_\_\_

#### Desparasitação

A desparasitação é um processo simples, normalmente abordado e realizado em consultas no Médico Veterinário. Apesar de ser um ato simples de realizar, é de extrema importância a nível da saúde animal bem como da saúde pública.

14. O(s) seu(s) animal/animais de companhia detém a desparasitação interna ("lombrigas") em dia? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

15. O(s) seu(s) animal/animais de companhia detém a desparasitação externa ( carraças / pulgas / ácaros) em dia? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não

16. Desparasita o(s) seu(s) animal/animais de companhia: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Regularmente, segundo o esquema indicado pelo Médico Veterinário  
 Esporadicamente, quando vai ao Veterinário  
 Apenas quando mais novo  
 Nunca desparasitei

17. Para si, é importante desparasitar o(s) seu(s) animal/animais de companhia: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não

18. Se sim, assinale as principais razões que para si são fatores importantes para desparasitar o(s) seu(s) animal/animais de companhia: (é possível selecionar mais do que uma opção).

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- Prevenção de doenças no animal
- Possuo animais de diferentes espécies em casa
- Prevenção da transmissão de doenças do animal para pessoas (zoonoses)
- Os meus animais coabitam com crianças / idosos / gestantes / pessoas imunocomprometidas
- Os meus animais passeiam em parques públicos e interagem com outros animais
- Fui aconselhado pelo Médico Veterinário
- Eu posso ser um vetor de transmissão de parasitas para os meus animais
- Outra:  \_\_\_\_\_

19. Existem parasitas que são vetores de doenças que os nossos animais de companhia podem transmitir a humanos e vice-versa (zoonoses) , tinha conhecimento? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

20. No caso de desparasitar o(s) seu(s) animal/ais , costuma comprar os desparasitantes na farmácia e/ou em supermercados?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

21. Sabia que, comprar desparasitantes para o seu animal de companhia sem aconselhamento de um Médico Veterinário pode colocar a saúde do seu animal em risco? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

22. Sabia que já se conhecem resistências dos parasitas a muitas das substâncias incluídas nos desparasitantes que os tornam menos eficazes contra os agentes parasitários? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

23. As fezes do seu animal já foram sujeitas a análise (exame coprológico) pelo Médico Veterinário? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

Não sei

24. Assinale os agentes e/ou doenças parasitárias das quais tem conhecimento ou já ouviu falar: \*

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- Infestação por carraças / febre da carraça
- Infestação por pulgas / piolhos
- Ácaros / Sarna / "Tinha"
- Gastroenterite por parasitas intestinais (lombrigas)
- Parasitas pulmonares
- Dirofilariose / Verme do Coração
- Leishmaniose
- Hemoparasitas (parasitas do sangue); Babesiose
- Toxoplasmose / " Doença dos gatos"

25. Tinha ideia que a desparasitação dos animais de companhia é um procedimento com elevada importância a nível da saúde humana? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

26. Sendo que uma incorreta desparasitação tem repercussões tanto na saúde animal bem como na saúde pública, ficou com maior interesse em procurar expor as suas dúvidas com o seu Médico Veterinário? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Talvez

27. A secção 5 do presente inquérito refere-se à *Dirofilariose* (doença do verme do coração) e destina-se a ser preenchida por tutores de cães e/ou gatos. Pretende responder à secção referida? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não  
 Não possuo as espécies mencionadas

#### *Dirofilariose*

A *Dirofilariose* (ou doença do verme do coração) é uma doença parasitária com potencial zoonótico mais prevalente em canídeos domésticos ou selvagens, causada por um agente denominado *Dirofilaria immitis*, transmitido ao animal através da picada de um flébotomo (mosquito culicídeo). Esta doença pode ser fatal e é muito prevalente nas regiões de Aveiro, Coimbra, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo, Algarve e Região Autónoma da Madeira. Pode ter alguma incidência a nível da bacia fluvial do rio Douro.

28. Tem conhecimento da “doença do parasita do coração”, denominada de *Dirofilariose*? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não

29. Já fez algum teste de despiste de *Dirofilariose* ao(s) seu(s) animal/animais de companhia com o seu Médico Veterinário? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não

30. O(s) seu(s) animal/animais de companhia têm / tiveram Dirofilariose? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não  
 Outra: \_\_\_\_\_

31. Se sim, já tinha conhecimento sobre esta doença ou só ouviu falar após o seu animal de companhia ter sido infetado?

*Marcar apenas uma oval.*

- Já tinha conhecimento  
 Só tive conhecimento após o meu animal ter sido infetado

32. A prevenção contra a Dirofilariose pode ser feita através da administração mensal de um desparasitante interno (milbemicina) ou de uma injeção de desparasitante interno de libertação lenta de administração anual. Utiliza algum destes na prevenção dos seus animais de companhia? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não

33. Ficou com curiosidade em informar-se melhor acerca da Dirofilariose com o seu Médico Veterinário? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não  
 Talvez